

FIGARO, Roseli (Org.). Comunicação e Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2012.

Bruna Toso Tavares¹

O livro *Comunicação e Análise do Discurso*, organizado por Roseli Figaro, traz artigos que são resultado de seminários ocorridos em 2010, na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da USP, durante o I Ciclo de Estudos: Comunicação, Análise do Discurso e Atividade Linguageira. Esses artigos vêm confirmar que a Comunicação, enquanto campo transdisciplinar, busca articulações, como afirma Martín-Barbero (2004, p.220). Isso se faz necessário porque além dos temas clássicos, como a relação mídia e poder, economia da comunicação e matrizes ideológicas da indústria cultural, novos temas, por exemplo, ligados à reflexão sobre as redes sociais, as novas formas de produzir, distribuir e receber informações, conhecimentos e saberes, emergem, colocando aos pesquisadores de Comunicação novos desafios teórico-metodológicos.

Acreditava-se que a elaboração da mensagem e sua transmissão efetiva bastavam para que a comunicação e o entendimento ocorressem e que a linguagem era simplesmente um código a ser manuseado para o bom proveito da composição da mensagem. Essas noções ficaram para trás. Hoje, compreende-se que a Comunicação é característica constitutiva do ser humano, presente em toda a relação social, inclusive nas formas de organização institucional e econômica, incorporado aos processos produtivos, e que ela efetiva-se pela linguagem, sobretudo, verbal. O tratamento desta última também se modificou. Atualmente, no interior da Análise do Discurso, existe a possibilidade teórico-metodológica de se observar a linguagem verbal em sua especificidade linguística, incluindo na observação o contexto de enunciação e produção discursiva. Assim, os artigos deste livro se propõem a apresentar possibilidades de articulação entre Comunicação e Análise do Discurso, ao aproximar questões teóricas da linguagem às manifestações concretas presentes nas diferentes ordens discursivas, fortemente expressas pelas mensagens postas em circulação através de dispositivos comunicacionais.

Os três primeiros capítulos, “Conceitos e fundamentos – Enunciação e construção do sentido”, de Helena Nagamine Brandão, “Organização linguística do discurso – Enunciação e Comunicação”, de José Luiz Fiorin, e “Construção coletiva da perspectiva dialógica – História e alcance teórico metodológico”, de Beth Brait, relacionam

¹ Professora mestra do Curso de Letras, da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat.

explicitamente à Análise do Discurso aos estudos enunciativos. A enunciação, segundo Todorov e Ducrot (1987, p.303), é o ato pelo qual “enunciados (...) se realizam, assumidos por um locutor particular, em circunstâncias espaciais e temporais precisas”.

Brandão faz um mapa dos estudos enunciativos, apresentando grandes autores como Benveniste, Bakhtin, Authier-Revuz e Ducrot, a fim de construir as bases para a compreensão dos estudos discursivos. A autora parte do surgimento da Análise do Discurso, na França, no final da década de 1960, com as reflexões do filósofo Michel Pêcheux sobre os discursos políticos de direita e esquerda, como um estudo linguístico das condições de produção de um enunciado, nos quais se consideravam o contexto imediato da situação de comunicação e os elementos históricos, sociais, culturais e ideológicos envolvidos na produção de um discurso. Ela apresenta também três elementos que ajudam a definir o discurso: (i) O discurso se constitui em dois níveis, um linguístico e outro extralinguístico. Ele se fundamenta linguisticamente, ou seja, apoia-se sobre a gramática da língua, seguindo os princípios fonológicos, sintáticos e lexicais, mas também se constitui em relação a aspectos extralinguísticos; (ii) O discurso corresponde a enunciados efetivamente produzidos e seu estudo busca descrever a utilização da língua, observando como, nessa utilização, os sentidos são construídos entre os interlocutores, sujeitos situados social e historicamente; (iii) Os interlocutores devem ter conhecimentos relativos à utilização da língua, mas também saberes relacionados à produção de discursos adequados aos diferentes contextos de comunicação.

Compreendendo o discurso como os efeitos de sentido que surgem na relação entre interlocutores, considerando estes como sujeitos situados no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concretos e que deixam transparecer suas ideologias na sua fala, a autora retoma a ideia de Pêcheux, que defende que o discurso se constitui na relação com os discursos anteriores, ou seja, no interior de um discurso há elementos vindos de outros lugares, outros discursos, e, assim, reconhece que a heterogeneidade é constitutiva do discurso.

Brandão apresenta ainda um percurso pelos principais autores da Linguística da Enunciação. Ela parte de Benveniste, considerado o pai dos estudos enunciativos por reconhecer a existência de um sujeito produtor – um EU–, que fala para um sujeito destinatário do discurso – um TU. Ele defende que “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso”

(BENVENISTE, 1976, p.286), e investiga como essa subjetividade deixa suas marcas inscritas na língua.

A autora continua o percurso por Bakhtin, que enfoca o aspecto social da enunciação, esta compreendida como “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 1979, p.98). Para ele, o caráter dialógico determina completamente a estrutura da enunciação e, também por isso, é uma condição constitutiva do sentido, já que o sentido de uma palavra só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva entre locutor e receptor.

É sob essa relação entre a perspectiva de Benveniste e Bakhtin que Fiorin constrói seu artigo. Ele defende que o discurso é a produção social da linguagem e que se constitui linguisticamente, na organização interna do texto, e extralinguisticamente, por meio da historicidade do sentido, que é construído na relação deste com outros textos, outros sentidos. Assim, as pesquisas de Benveniste com sua ênfase na língua auxiliariam na investigação da organização linguística e as reflexões de Bakhtin contribuiriam para o estudo da historicidade. Com isso, os autores demonstram que as posições de Benveniste e Bakhtin se diferenciam e se complementam. Enquanto Benveniste é um pensador da linguística, Bakhtin é um filósofo ou sociólogo da linguagem que vê a língua como acontecimento social. Entretanto, Benveniste fornece os fundamentos linguísticos para um estudo discursivo, enquanto Bakhtin fornece as ideias para observar a construção do sentido.

É sobre esta perspectiva que vai se debruçar Beth Brait. A maior especialista em Bakhtin do Brasil faz um longo percurso dos trabalhos do Círculo, mostrando a maneira como foram e estão sendo conhecidos até hoje. Ela apresenta a Análise Dialógica do Discurso (ADD), que oferece elementos teórico-metodológicos para uma concepção histórico-social-cultural da linguagem, por meio da qual seria possível observar a relação indissolúvel entre língua, linguagens, história e sujeitos. A ADD compreende o discurso como uma “rede de relações dialógicas estabelecidas e assumidas por um sujeito, expressas na linguagem a partir de um ponto de vista” (p.90), ou seja, ela vai se ocupar daquilo que ultrapassa os limites da Linguística, as relações dialógicas.

Já Maria Cecília Souza-e-Silva, em “Concepção Integrada de Discurso – Discursividade e Discurso” apresenta uma perspectiva um pouco diferente, apesar de se fundamentar nas mesmas bases. A pesquisadora se situa na Análise do Discurso, mas em uma tendência desenvolvida por Dominique Maingueneau, que, segundo ela, vai além da

relação direta entre língua e história. O autor francês defende o primado do interdiscurso, ou seja, que o interdiscurso precede o discurso. Conforme explica Souza-e-Silva, os discursos, em termos de gênese, não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, colocados em relação, mas eles se constituem de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Isso tem a ver com o dialogismo apresentado nos artigos de Brait, Fiorin e Brandão. Além disso, Maingueneau trata o discurso a partir de um sistema de restrições globais. Para ele, a organização dos elementos coercitivos de um discurso decorre de uma Semântica Global, que seria um conjunto de regras que rege todas as dimensões do discurso e que funciona como uma rede de coerções.

Pode-se relacionar essas coerções às restrições que as próprias Formações Discursivas (FD) impõem, como mostra Brandão, no primeiro capítulo. As FDs estão em relação com as Formações Ideológicas (FI), nas quais, segundo Maria Aparecida Baccega, em “Discurso, Ficção, Realidade – A construção do ‘real’ e do ‘ficcional’”, os sentidos se constroem. De acordo com a autora, sentido se dá em referência às formações ideológicas nas quais as posições se inscrevem. Em sua pesquisa que relaciona Comunicação, Literatura e História, Baccega observa que em cada domínio o signo assumirá o sentido adequado a ele, mas o sentido que ele assume traz os traços semânticos dos vários domínios por onde ele circula.

Assim, percebe-se que o livro consegue articular e apresentar bem as diversas noções de Análise do Discurso, em suas diferentes perspectivas, embora não o faça de maneira a ser acessível por qualquer público, já que pressupõem alguns conhecimentos de Linguística para uma compreensão mais aprofundada da obra. Além disso, apesar de ter como proposta mostrar as relações interdisciplinares entre AD e Comunicação, nem todos os artigos mostram essa relação, e, quando o fazem, apresentam apenas um pequeno exemplo de textos da Comunicação sendo analisado, cabendo assim ao pesquisador lançar mão dos conceitos apresentados e aplicá-los sobre o discurso jornalístico/midiático.